

## 4.

### Conclusão

No caminho percorrido ao longo dessa dissertação de mestrado, tentamos determinar o papel desempenhado pela moderna biologia darwiniana no pensamento epistemológico de Sir Karl Popper. Nossa questão central girou em torno da possibilidade de interpretar as remissões popperianas a Darwin como uma tentativa de fundamentar a epistemologia por meios naturalistas. Em outras palavras, nossa pergunta central era se Popper usou a biologia como argumento para suas posições epistemológicas.

No caso de uma resposta afirmativa, questões importantes deveriam ser colocadas, tais como a da validade e da sustentabilidade, em geral, de respostas a problemas filosóficos baseadas em teorias científicas. Por outro lado, no caso particular da epistemologia de Popper, que primou sempre pela distinção entre o contexto da descoberta e o contexto da justificação, se existisse de fato tal naturalismo na sua obra tardia, estaríamos diante de uma franca contradição com sua obra anterior, o que apontaria para uma significativa mudança de posição filosófica do filósofo austríaco.

Entretanto, defendemos em nossa dissertação a tese de que tal naturalismo não se encontra na obra tardia de Popper. Este defende que a epistemologia é e deve ser decidida somente no âmbito filosófico e, por conseguinte, toda remissão a Darwin se dá em bases estritamente lógico-filosóficas.

Além disso, ainda que Popper usasse o darwinismo como base para suas posições epistemológicas, a acusação de naturalismo ainda seria errônea, pois, como vimos no segundo capítulo, o darwinismo sequer é considerado pelo filósofo austríaco como uma

teoria científica. Para Popper, a teoria de Darwin tem um grande valor como um programa de pesquisa metafísico ( fornecendo inspiração para hipóteses realmente científicas ) que se apresenta como uma solução melhor para os problemas relacionados ao estudo dos seres vivos que qualquer possível rival. Entretanto, pelo fato de o darwinismo, segundo Popper, não permitir predições e, por consequência, não ser refutável empiricamente ( o critério de cientificidade ), ele não pode ser considerado uma teoria científica e sim uma teoria metafísica irrefutável.

Como tentamos mostrar, a relação entre darwinismo e a epistemologia popperiana se dá somente no nível lógico-formal. A epistemologia defendida por Popper, tendo por sustentação o processo hipotético-dedutivo de conjecturas e refutações, se posiciona como uma alternativa às epistemologias que se baseiam no raciocínio indutivo. Sendo tal processo de conjecturas e refutações fundamentalmente o mesmo daquele da seleção natural de Darwin, Popper interpreta então a teoria darwiniana como uma teoria não-indutiva do aprendizado, uma teoria da aquisição ativa do conhecimento onde as variações na estrutura dos organismos são submetidas à seleção do ambiente como, analogamente, no plano teórico, as teorias são submetidas ao teste.

É o raciocínio hipotético-dedutivo, o processo crítico de tentativa e eliminação dos erros ( não o darwinismo ), a base de sustentação das posições epistemológicas adotadas por Popper. A sustentabilidade lógica desse método crítico é comunicada ( pelo princípio de transferência ) ao darwinismo entendido como uma forma análoga do processo de conjecturas e refutações. Dessa forma, torna-se patente a anterioridade e importância dos elementos *a priori* na epistemologia popperiana.

Consideramos, enfim, que a resposta à questão central desta dissertação se encontra no caráter formal do papel desempenhado pelo darwinismo na epistemologia popperiana

tardia. A possibilidade de uma interpretação naturalista do papel da biologia moderna no pensamento de Popper parece-nos afastada e garantida a manutenção da distinção entre o contexto da descoberta e o contexto da justificação. As posições epistemológicas de Popper não repousam sobre bases científicas e o darwinismo mesmo só é válido enquanto uma teoria metafísica cujas características lógico-formais se coadunam com o processo hipotético-dedutivo de conjecturas e refutações.